

A INFÂNCIA E SEUS TEMPOS

IR. CELASSI DALPIAZ

Diretora do Colégio Santa Inês
celassi@santaines.com.br



Falando sobre a infância e seus tempos, estamos em meio a uma crise em que adultos, que talvez desconheçam os tempos das crianças, não estão considerando a relevância do respeito a cada etapa. Esse é um período que propicia a oportunidade para que as crianças possam constituir-se e elaborar conceitos importantes, desenvolvendo sua subjetividade na relação com seus pares com a mediação qualificada dos adultos.

Interromper uma etapa à qual as crianças têm direito é subtrair um tempo sagrado, cujas consequências futuras são irreparáveis. Falamos do direito que deve ser assegurado aos pequenos, para que possam estruturar-se de uma forma saudável, desenvolvendo mecanismos que os fortaleçam. Talvez algumas pessoas que se perguntam sobre o aprendizado das crianças desconhecem que o brincar é uma forma impor-

ante de aprender, que ajuda na constituição de sujeitos e os torna capazes de significar o mundo ao seu redor.

Como defensora das crianças, não posso omitir-me, nem deixar de convidar os adultos para que escutem aqueles que se dedicam

*Interromper
uma etapa à qual
as crianças têm direito
é subtrair um
tempo sagrado*

a estudar a infância, suas necessidades e o seu desenvolvimento. É preciso reconhecer essa como uma fase de elevado potencial criativo e intelectual, associada à construção dos valores individuais e coletivos que acompanharão o

indivíduo por toda a vida adulta. Por esse motivo, essa etapa deve ser respeitada como elemento de fundamental importância no desenvolvimento do sujeito em seus aspectos social, emocional, cognitivo, físico e cultural.

A Educação Infantil, concebida como processo de formação integral, deve estar vinculada à construção crítica dos saberes e ao desenvolvimento das múltiplas dimensões formativas. Deve garantir os objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). É um processo educativo com alto potencial formador, nos diversos âmbitos. Ao recriarmos a escola infantil, no sentido de superar compreensões assistenciais, compensatórias e antecipatórias, estamos possibilitando o desenvolvimento de sujeitos críticos, protagonistas e ativos em seu meio.

EM DIA COM UMA PORTO ALEGRE INOVADORA

RODRIGO SARTORI FANTINEL

Diretor de arrecadação e cobrança da Receita Municipal
fantinel@portoa Alegre.rs.gov.br



O desejo de impulsionarmos o desenvolvimento econômico da cidade com a aprovação da Lei de Liberdade Econômica, alinhado ao ambiente de inovação que está sendo fomentado pelo Pacto Alegre, cada vez mais gera a necessidade de buscarmos a efetiva convergência dos interesses do fisco e dos nossos contribuintes.

Nesse contexto, de modo análogo ao adotado pelas administrações tributárias mais eficientes do mundo, está sendo estruturado pela Receita Municipal um programa de conformidade por meio do qual se buscará, de forma colaborativa e inovadora, acelerar a mudança no relacionamento entre o fisco e os contribuintes, objetivando o cumprimento das obrigações tributárias espontaneamente, evitando-se a aplicação de multas e outras onerações.

No Brasil, também já se obser-

vam alguns movimentos nesse sentido e Porto Alegre, que já se refere nacionalmente em recuperação de créditos e está comprometida com a criação de um ecossistema de inovação, buscará aperfeiçoar as experiências existentes e, com a participação dos contribuintes, estruturar um programa que re-

*A cidade já é
referência nacional
em recuperação
de créditos*

almente traga os resultados desejados por ambas as partes.

A redução dos custos para o cumprimento das obrigações fiscais por meio da simplificação e modernização da legislação tri-

butária municipal torna-se uma obrigação para nós, agentes públicos, visto que, além de gerar a segurança jurídica que o ambiente de negócios necessita, é um passo importante para ampliarmos a base tributária e termos condições de iniciar um processo de redução da elevada carga tributária suportada pelos empreendedores do nosso país.

Devemos buscar uma administração tributária orientadora, que preste um serviço para os contribuintes, facilitando o cumprimento da legislação. A aproximação do fisco aos contribuintes, compartilhando responsabilidades, tende a reduzir os níveis de inadimplência e o contencioso administrativo e judicial – em suma, possibilitará o que todos desejamos: a redução do custo do sistema e a ampliação da arrecadação.

QUANDO O CENTRO NÃO TEM VEZ

PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento
de Economia e Relações
Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



O governador Leite atribui a desaprovção a seu governo por ser de centro, posição vulnerável a extremos dos dois lados. Tal interpretação, subliminamente, isenta-o das críticas ao desqualificar os concorrentes. Mas resgata o debate sobre o significado de ser "centro". Uma tese clássica em Ciência Política postula que os candidatos tendem a convergir para o centro para conquistar o eleitor mediano, às vezes chamado de "maioria silenciosa", já que os radicais são minoritários, embora barulhentos. A maioria das democracias logra isolá-las na hora de governar, daí ser o centro um pilar para a governabilidade. Quando se esvaíza, a sociedade divide-se em dois lados sem mediação. O desfecho tende à tragédia. Caso típico foi a Espanha na década de 1930, dividida entre fascismo e comunismo: a solução encontrada foi a guerra civil. As guerras favorecem divisões

*As guerras
favorecem
divisões
polares
irreconciliáveis,
quando há
inimigos
e não
adversários*

polares irreconciliáveis, quando há inimigos e não adversários. A ascensão dos bolcheviques na Rússia e do nazifascismo dificilmente se explica sem o contexto beligerante e coexistiu, por motivos diferentes, com o esvaziamento do centro na política.

O que é ser de centro varia historicamente, mas, ao contrário do que se pensa, não significa fraqueza, indefinição ou "em cima do muro". Bons políticos com tal perfil são posicionados – o que os diferencia é a habilidade para negociar e transigir. Exemplo ilustre foi Tancredio Neves, que defendeu a posse de Goulart em 1961 e as eleições diretas em 1984; vencido, soube construir soluções negociadas e com respeito à institucionalidade e à democracia. Mas tal jeito – dito "mineiro" – de fazer política é cada vez mais raro.

O peculiar no século 21 é o ressurgimento da bipolaridade mesmo na ausência de guerras. A era da globalização expressou a vitória do liberalismo, que agora não sabe o que fazer com os deserdados. O totalitarismo e o populismo do século 20 aproveitaram-se da era do ridículo, os atuais, das redes "sociais". Estas potencializam o impactante: o pensamento mediano não atrai seguidores, o ponderado passa por covarde e, na imensidão de informações, o evanescente e o ruído emocional atiram muito mais cliques. Só não mudaram a xenofobia, os preconceitos e o radicalismo, cujas explicações prontas e simplistas desafiam a razão e o centro na construção de alternativas.

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias. Amanhã: Igor Oliveira, consultor empresarial.

Opinião online



• **Rodrigo Lorenzoni**, deputado estadual (DEM): "Não é exagero dizer que o Rio Grande do Sul atravessa a pior crise fiscal de sua história".

GAUCHAZH

leia o artigo em
gfh.rs/lorenzoni